

“PIOR É MORRER EM CASA”

SUPERLOTAÇÃO, FALTA DE PESSOAL E SOFRIMENTO MARCAM A ROTINA NOS HOSPITAIS REGIONAIS DO DF



Constantina passou nove dias sentada na sala de espera

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

A televisão ligada quase no volume máximo não diz nada, mesmo quando a curiosidade aguça os ouvidos. Muito movimento na sala. Não se ouve som nenhum. O banco de madeira, duro, incomoda. Uma, duas, três, quatro horas. O guarda aparece diversas vezes na porta. Grita um monte de nomes. Mas a vez de Constantina não chega. A dor dói mais. O estômago reclama por causa do ar viciado, com cheiro de éter, sangue, suor.

Enjoativo.

A cachaça do final de semana enche os hospitais do Distrito Federal. Gente que pegou o carro e se machucou na estrada. Entrou em briga e saiu esfaqueada. Ou foi ao médico para ganhar um atestado. Um dia de folga para curar a ressaca em casa. Nas segundas-feiras, o movimento é pior. Entretanto, as filas continuam imensas em qualquer dia da semana.

Há dez anos, o coração e a asma levam a dona-de-casa Constantina da Silva, 74 anos, para a fila de atendimento médico. Mas ela está contente, segurando a mão da neta. Depois de nove dias sentada na sala de espera, recebendo soro e oxigênio, conseguiu vaga numa daquelas macas que ficam no corredor do Hospital Regional do Gama (HRG).

Agora pode esticar as pernas. E dormir. "Na cadeira só dá pra tirar uns cochilos. É muita gente embolada. Sempre tem um que encosta. Toda hora chega gente. Até de madrugada tem zoadas de gente. Fiquei cansada." Constantina acha que cada vez é mais difícil fazer uma consulta. Tem que disputar o médico com 1 mil 200 pessoas que todos os dias estão na porta do pronto-socorro.

"Há dez anos, o hospital já estava enchendo mas tinha mais conforto. O governo tem que saber o que está acontecendo", diz Constantina. Mas elogia as enfermeiras. "Quando estão desocupadas, elas me ajudam. Tem umas tão boazinhas... São delicadas, pacientes. Mas elas têm muita gente pra cuidar, coitadinhas."

Gente é o que não falta mesmo. No mês passado, somente o Pronto-Socorro do HRG atendeu 29 mil 616 pessoas. A maioria procurou a clínica médica - 10 mil 68 - e a pediatria - 8 mil 978. O hospital foi feito para atender ao Gama, mas estatísticas oficiais indicam que 37% foram pessoas do Entorno do Distrito Federal e 18% de Santa Maria. Somente 45% foram moradores do Gama.

Os números, entretanto, não dizem a verdade. Muita gente mente que mora no Gama ou

Fotos: Carlos Vieira



No hospital do Gama, internos ficam em macas, cadeiras e até no chão. No mês passado, só o pronto-socorro atendeu a 29 mil pessoas

em outra cidade do Distrito Federal, com medo de não ser atendida se o local de origem for em um dos estados vizinhos. Mas nem é mentira. Os pacientes geralmente informam onde estão hospedados.

Maria Resena Silva, 52 anos, entrou na contagem de moradores do Gama. Mas é de Pacajá, no Pará. A filha é quem mora no Gama. Já é a quarta vez que Resena faz consulta no Distrito Federal. Tem diabetes, pressão alta. Há um mês submeteu-se a uma cirurgia de hérnia no Hospital Regional da Asa Norte (Hran). Ontem, chegou ao HRG às 6h30. Foi atendida às 11h10.

"É cansativo, mas eles atendem. Pior é morrer em casa", resina-se.

GENTE NO CHÃO

"Tem gente até no chão, porque o leito está ocupado por alguém que deveria estar em casa", diz o chefe da Emergência, Benedito Teixeira. Ele acredita que, se houvesse mais rotatividade de pacientes nas enfermarias, o problema do Pronto-Socorro seria menor. "Há pessoas que passam dez dias nos leitos da Emergência, que deveria ser usada apenas por algumas horas. Porque não há como não receber o paciente", explica o médico.

As enfermarias parecem outro hospital. Corredores vazios, atendimento calmo. "Muita gente acha que aqui é asilo. E que a instituição tem obrigação de cuidar de doentes crônicos que não precisariam estar no hospital", diz a

enfermeira Joana José da Silva. Ela conta que na clínica médica tem um paciente de 75 anos internado desde 1996. Não consegue falar, tem sequelas de derrame, mas não precisa de internação. É funcionário público aposentado. A família poderia pagar alguém para cuidar dele em casa. Com o dinheiro que ele recebe mensalmente.

O agente administrativo Geraldo Lopes diz que são comuns os casos de pacientes que não voltam para casa apesar de não precisarem de internação. "Às vezes não voltam porque não conseguem andar e moram sozinhos", diz ele. "Outras vezes não querem sair porque se acostumaram com a gente e não querem ficar em casa sozinhos", conta Joana.

LEVAR A REDE

Por estar localizado na saída sul do Distrito Federal, o HRG é um dos hospitais mais procurados, mas não é o único a ter problemas. O Hospital Regional de Taguatinga também está sempre lotado. "Dá vontade de trazer uma rede", diz o vigilante desempregado João Bispo, 46, olhando para uma árvore. Na terça-feira, ele chegou às 9h, para fazer uma drenagem no joelho, e saiu às 13h40. Quatro horas e 40 minutos de espera.

"A consulta demorou dois minutos. E a drenagem, dez a 15 minutos. O resto foram filas. Aqui fora e lá dentro." O pior é que João Bispo ficou sem o plano de saúde quando perdeu o emprego. "Eu era atendido na Asa Sul,

como ser humano. Não esperava nem dez minutos para fazer consulta", lamenta.

Mas o sofrimento não é igual para todos. A espera parece não incomodar duas senhoras sentadas no setor de emergência. Nem percebem direito quem passa por elas. Uma mulher velha desce da ambulância, caminha dez metros, amparada pelo filho. E sente-se aliviada quando se senta na cadeira de rodas. Mesmo que a cadeira esteja quebrada, sem lugar para os pés - que seguem pelo corredor pendurados, mal-acomodados, com as unhas às vezes riscando o chão.

As duas senhoras sentadas no banco de madeira continuam alienadas. "Meu marido compra o grosso, e sempre esquece o sabão, o bombril. Quando eu reclamo, ele pergunta: Já acabou?!" - conta a dona-de-casa Neli Silva, 45 anos. "O meu também. Os goianos são machistas. Não se imaginam no fogão, querem tudo na bandeja", responde a amiga que ela acabou de conhecer, Fátima Araújo Souza, 44.

É mais de 1 hora da tarde. Fátima está sentada na fila, para consultar um clínico geral, desde as 10h. Mais de três horas de espera. Queixa-se de pressão baixa, fôlego curto. Neli chegou ao meio-dia, quer um ortopedista. Mora em Cocalzinho, em Goiás, mais de cem quilômetros de distância do hospital. Depois de muita conversa, ouve seu nome e entra para a consulta. Sai do HRT às 13h58. Contrariada. "O médico me passou um AAS. Eu queria engessar o braço."

O QUE FALTA

A diretora da Regional de Saúde do Gama, Valquíria Barbosa Lima de Carvalho, diz que existem várias soluções para os problemas. A mais imediata deverá ser a inauguração de um novo pronto-socorro no HRG, cujo prédio já foi construído. Segundo ela, faltam somente equipamentos, cuja licitação está em fase de conclusão. E gente para trabalhar.

Uma receita para os males de toda a rede pública. "Estamos esperando o edital de concurso público para contratação de 1 mil 766 profissionais de todas as categorias de saúde para todo o Distrito Federal", revela Valquíria. Ela diz que o governo também planeja negociar para que sejam firmados convênios com hospitais particulares do Entorno e o Sistema Único de Saúde (SUS), além da melhoria dos serviços nos postos de saúde e o atendimento domiciliar do programa Saúde da Família.

O Hospital Regional de Sobradinho atende as cidades do Entorno próximas à saída norte do Distrito Federal. Segundo a Secretaria de Saúde, 43% dos pacientes do HRS não são do DF.

320 MIL POR DIA

Conforme estatísticas oficiais, entre janeiro e maio deste ano foram realizadas 863 mil 971 consultas ambulatoriais no Distrito Federal, 837 mil 454 consultas de emergência, 7 mil 165 cirurgias, 4 mil 997 partos. Um total de 320 mil 968 pacientes por dia, que procuram também outras modalidades de atendimento, como exames radiológicos, de análises clínicas e fisioterapia. E este ano foram contratados 185 médicos temporários, além dos 20 mil 277 que já trabalhavam na rede pública.